

Teixeira, José, 2002, "Quando «nos alagamos no Inferno»... (História, na língua, de uma mudança semântica)", in Head, Brian F.; Teixeira, José; Lemos, Aida Sampaio; Barros, Anabela Leal; Pereira, António (Organizadores), *História da Língua e História da Gramática - Actas do Encontro*, Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, Braga.

José Teixeira
Instituto de Letras e Ciências Humanas
UNIVERSIDADE DO MINHO
jsteixeira@ilch.uminho.pt

QUANDO «NOS ALAGAMOS NO INFERNO»... (História, na língua, de uma mudança semântica)

1. «ALAGAR???!»

Anos noventa do século XX: uma pessoa da minha família, numa determinada altura, diz-me:

– *Ontem não te pude ligar porque o telefone da minha casa estava alagado.*

A minha primeira interpretação foi «Houve uma inundação na casa!». Mas como eu sabia que o telefone estava no primeiro andar, e não no rés-do-chão, estranhei o tamanho da inundação.

Outra situação: alguém conhecido era responsável pela confecção numa fábrica têxtil. Um dia, recebe uns milhares de peças de roupa com a informação que as peças estavam mal cosidas e que, portanto, “era tudo para alagar”. A pessoa responsável não compreendeu: para alagar??!! E como é que inundar as peças com muita água iria resolver o problema?!

Em ambos os casos, só quando se explicou que *alagar* significava «destruir, desfazer, avariar» é que as frases começaram a fazer algum sentido e a poderem ser interpretadas.

Foram situações como estas que me despertaram a curiosidade relativamente a *alagar*. As consultas aos dicionários sugeriram-me que o processo diacrónico que justifica a existência destas duas vertentes significativas (*alagar*=«destruir, desfazer» e *alagar*=«inundar») talvez fosse bastante interessante. Mas, para mim, ainda mais interessantes foram as justificações que os dicionaristas ou lexicógrafos encontraram para as meterem no mesmo saco. E são preciosas porque julgando-se justificações e provas academicamente racionais e lógicas, elas acabam por se basear nos mesmos mecanismos

cognitivos com os quais os falantes interpretam o mundo e interpretam a língua com a qual interpretam o mesmo mundo.

2. O ALAGAR DOS FALANTES...

Seja qual for a etimologia (desconhecida) de *alagar*, é mais do que evidente que historicamente, como defende o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado (Machado:1977), os sentidos mais antigos são «destruir, derribar, perder, estragar». Como refere o mesmo dicionário,

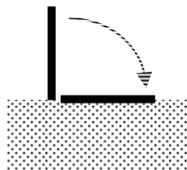
“não se vê claramente qualquer relação entre estas ideias e as de *lago*”.

A relação pode não se ver claramente, mas adivinha-se.

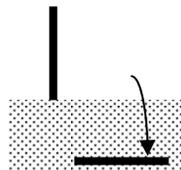
Curiosamente¹, o significado prototípico gerador foi o de um estado de coisas onde se combina o espaço e o movimento

verticalidade⇒horizontalidade
força causadora

Ora esse estado de coisas pode terminar no mesmo nível espacial do início, ou num nível inferior:



derrubar, deitar abaixo, fazer cair



afundar

Figura 1

Neste caso, como consequência, o «afundar» da realidade que o experiencia.

Os actantes passivos destes estados de coisas, ou seja, as coisas que são **derrubadas**, **deitadas abaixo**, que **caem** ou se **afundam**, habitualmente **estragam-se**, **ficam destruídas** ou **avariadas**. Portanto, no mesmo modelo mental todos estes estados de coisas estão profundamente ligados em relações de causa-efeito.

Era este o primitivo modelo semântico, o primeiro e, até determinada época, único significado de *alagar*. Ainda hoje, para muitos falantes, assim é. A este modelo, o valor semântico «água» não é nuclear, mas exterior.

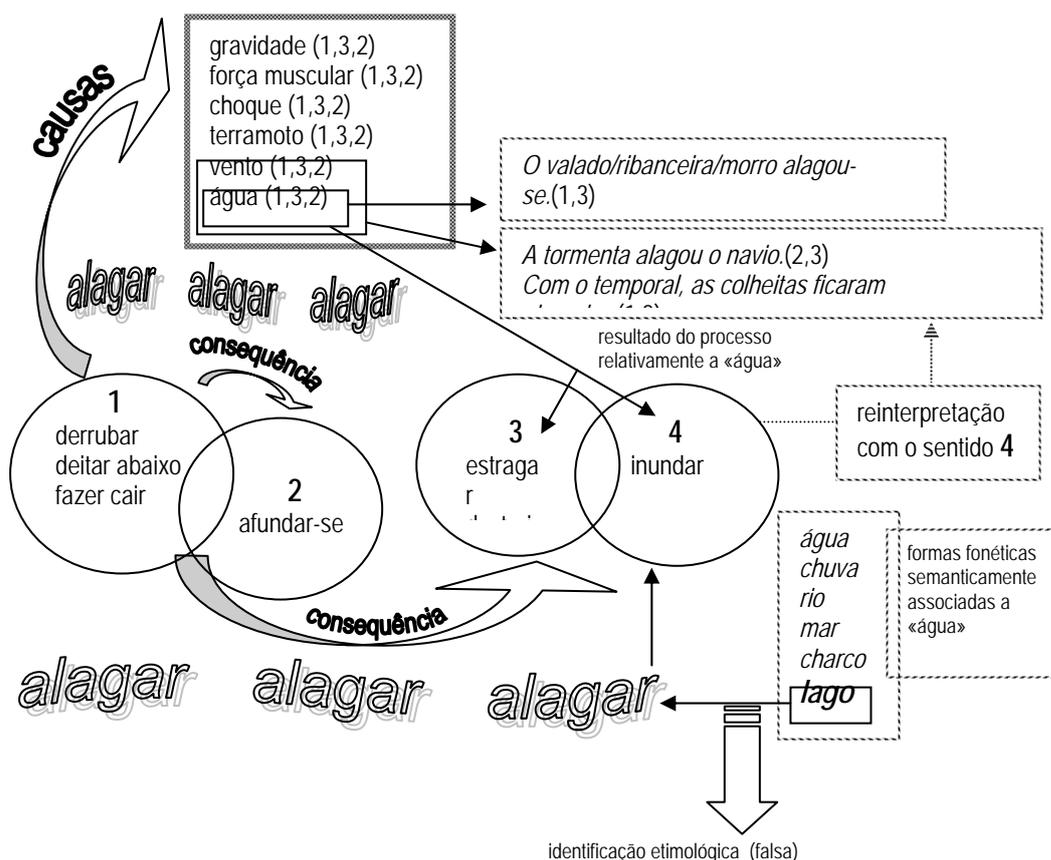
¹ Curiosamente ou talvez não, para quem defenda que na génese dos valores semânticos nocionais estão modelos cognitivos básicos da percepção da realidade. Ora um dos modelos mais básicos e estruturadores da cognição humana é a percepção do espaço.

No entanto, como a acção de «destruir, derribar, perder, estragar» pode ser feita, para além de uma força qualquer, também pela **água**, estabeleceu-se uma falsa etimologia com a palavra **lago**. Tal falsa etimologia, que hoje nos parece inevitável, só deve ter acontecido bastante tardiamente, já que a palavra *lago* não possuía um uso muito frequente até ao século XV. José Pedro Machado indica, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Machado 1977) que embora o substantivo já existisse como topónimo só o encontra como substantivo comum no século XV.

É, pois, natural que com o aumento do uso comum da palavra *lago* se começasse a estabelecer uma relação cognitiva entre esta palavra e *alagar*, sobretudo quando este último verbo aparecia em contextos marítimos de afundamento de navios. O *alagar*=«afundar-se, destruir-se» passa cognitivamente a ser posto ao lado de «encher-se de água, ficar inundado».

2

O processo poderá talvez ser retratado pelo seguinte modelo:



² Chamo a atenção para o facto curioso (?) de ter havido simultaneidade entre os seguintes factos: a utilização do nome comum *lago*, os relatos de alagamento= afundamento de navios e talvez o início do processo da passagem de *alagar*=«cair, afundar, destruir» para *alagar*=«inundar».

Figura 2

Este processo de transformação semântica de *alagar*₁ em *alagar*₄, é precioso para demonstrar determinados mecanismos semânticos, muito caros à Linguística Cognitiva, e que nos podem fornecer pistas para a compreensão da organização modelar dos processos semânticos, nomeadamente para o entendimento sobre aquilo que é o significado lexical.

Repare-se que entre *alagar*₁/*alagar*₂/*alagar*₃ não há sucessividade diacrónica. Todas estas vertentes de *alagar* funcionam³ num mesmo período. Estas três (principais) vertentes constituem um modelo mental no qual todos estes significados se estruturam através de relações de causa-efeito. Assim *alagar*₁ implica *alagar*₂ e os dois em conjunto implicam *alagar*₃. Como facilmente se comprova, os sentidos deste *alagar* primitivo não constituem uma lista de itens avulsos, mas organizam-se através dos mesmos processos cognitivos com os quais interpretamos a realidade.

A sucessividade diacrónica está entre *alagar*₄ e o grupo anterior. Como é evidente, esta sucessividade diacrónica não aconteceu por um salto, mas, como Saussure diria, resultou de uma série de identidades sincrónicas. Note-se, no entanto, que as referidas identidades nunca foram identidades reais, mas identidades virtuais. Ou seja: nas frases em que *alagar* implicava a noção de «água», a mesma frase era interpretada de forma diferente por alguns falantes. Assim a frase

Com o temporal as colheitas ficaram alagadas.

era compreendida de forma divergente por dois grupos de falantes:

Com o temporal as colheitas ficaram alagadas.

<i>alagadas</i>	Para quem <i>alagar</i> ≠ «lago»	Para quem <i>alagar</i> => «lago»
causas	vento; água (mas não necessariamente)	água (necessariamente)
efeitos	caídas pelo chão	inundadas com água.
resultado	estragadas	estragadas

Figura 3

Repare-se que em frases como estas, a identidade do resultado final («colheitas estragadas») permitia que os falantes tivessem a ilusão que estavam a utilizar o mesmo significado de *alagar*, quando, na realidade, o que acontecia era estarem a referir o mesmo resultado com palavras (permita-se dizer) homónimas. Por isso mesmo, como há pouco se

³ Eu ia dizer "funcionavam", mas mesmo hoje, para bastantes falantes, *alagar* ainda só possui os primitivos sentidos «derrubar, afundar-se, estragar» e não o sentido de «inundar».

acentuou, a identidade que os dois grupos de falantes pensavam partilhar quanto à globalidade do significado de *alagar* não era real.

3. ...E O ALAGAR DOS DICIONÁRIOS

Ora a prova destes “erros de compreensão” que alguns falantes faziam, interpretando *alagar=inundar* em vez do original *alagar=derrubar*, está bem exemplificada nos próprios erros que os dicionaristas cometeram no tratamento lexicográfico desta palavra. Estes erros podem, assim, ser preciosos, já que através deles podemos confirmar o processo diacrónico da semântica de *alagar*.

A primeira informação (se não preciosa, pelo menos interessante) que uma comparação entre os principais dicionários nos fornece é que se copiam alegre e despreocupadamente uns aos outros: a interpretação feita a *alagar* é a mesma desde os mais antigos até aos mais recentes.

Tal interpretação assenta nos seguintes pré-conceitos:

- I. O significado central, primeiro, de uma palavra é o da variante de quem faz o dicionário (obviamente, nesta perspectiva, esta variante é entendida como sendo a “língua padrão”).
- II. Os significados “regionais” derivam do significado da língua padrão.
- III. Os significados de uma palavra relacionam-se/ligam-se através de relações metafóricas/sentido figurado.

Ora a diacronia de *alagar* mostra que I. é falso. O primitivo significado foi aquele que nos dicionários aparece como segundo.

O pré-conceito II. também é falso. Em *alagar* os significados que hoje são regionais não derivam dos que hoje se entende serem da língua padrão. Ao inverso, estes é que foram originados por aqueles.

O pré-conceito III. é, contudo, linguisticamente o mais interessante. É que na tentativa de arranjam argumentos para provarem que os significados de uma palavra se relacionam através de relações metafóricas ou do sentido figurado, os fazedores de dicionários cometem os mesmos “erros” que os falantes fizeram e que permitiram a mudança semântica de *alagar*. Ou seja, os dicionaristas viram “sentidos figurados” onde não havia figuração nenhuma, mas apenas um facto muito simples: não compreenderam o sentido de muitas frases com as quais exemplificavam *alagar*.

Em primeiro lugar, tal como já procurámos demonstrar, muitas das frases que recolheram para exemplificar *alagar=inundar* eram frases que também poderiam exemplificar *alagar=deitar abaixo/estragar*, sendo este, em muitos casos, o sentido original da frase. Vejam-se alguns exemplos de frases deste tipo. Para simplificar, apenas no Dicionário Morais:

- 1) Pharaó alagado no mar rouxo. (Pinheiro, 1.129) (Morais)
- 2) alagándo a terra c'os rios do Ceo, para cumprir com sua justiça (M.P. c. 94) (Morais)
- 3) alagar o navio (Morais)
- 4) Os vulcões que alagárão cidades inteiras com suas lavas, e rios de fogo (Morais)
- 5) Alagavam as riquezas nos póços, para as livrar do inimigo. (Azur. c. 76) (Morais)
- 6) as areyas nos desertos da Arabia alagão os camelos (Cast. c. 86) (Morais)
- 7) o rescaldo do bulcão tão pesado, que alagava as embarcações no mar (Luc. 4. 11.) (Morais)
- 8) desfecharão seus sinos, bacias, e outros instrumentos que isso abastára para alagar os Portugueses (Cast. 6. 52) (Morais)
- 9) alagándo a terra c'os rios do Ceo, para cumprir com sua justiça (M. P. c. 94) (Morais)
- 10) Alagárão-se mais de 60 leguas de terra (Galvão. Trad. 5.) (Morais)

Em segundo lugar, quando a interpretação de «inundar» era impossível e até um cego via que *alagar* naquele contexto só podia significar «(fazer) cair, destruir» os dicionaristas julgaram (e indicaram) este sentido como **derivado por metaforização** de *alagar*=«inundar»:

- 11) com estragosa guerra alaga o mundo o filho de Megera (Morais)
- 12) Ir a pique, ao fundo: «á bomba, que nos imos *alagando*» (Lus. 6. 72) (Morais)
- 13) *Alagar a fazenda*; dissipar, desbaratar. (Morais)
- 14) todos (os homens) se alagárão no mar (B. 3.1.4.) (Morais)
- 15) nos alagamos no inferno (Flos Sanct. V. de S. Antão) (Morais)
- 16) dizendo, que a terra com aquelle tremor se alagaria (B. 3.9.1.) (Morais)

Se dúvidas houvesse quanto à razão pela qual o dicionarista interpreta *alagar* sempre como decorrendo da noção real ou metafórica de «água», tais dúvidas seriam desfeitas num dos exemplos que apresenta, exemplo esse que se torna sintomático para os propósitos que agora se pretendem provar, já que é explicitamente indicada a razão de se interpretar *alagar*=«destruir» como decorrendo por metaforização do conceito de «inundação»:

17) «Barbaros, que alagárão quasi todas as provincias de Europa» (B. Paneg. 1. f.23) occuparam destruindo, como a cheia alaga, e mata os semeados, e choças, etc. (Morais)

Sintetizando os factos comprovados:

Ao contrário do que dizem quase todos os dicionários

- I. O significado primeiro de *alagar* foi «derrubar, destruir»
- II. Numa segunda etapa aparece *alagar* como «inundar»
- III. *Alagar*=«derrubar, destruir» é que origina *alagar*=«inundar» e não o inverso
- IV. Em III. não há metaforização ou sentido figurado (que se verifica na sincronia) mas evolução semântica (verificada na diacronia)

As reflexões que até aqui foram feitas não pretendem inventariar a cronologia da evolução semântica do verbo em questão. Como tinham como principal objectivo fornecer pistas para a compreensão do funcionamento semântico das línguas naturais, penso ser adequado terminar com aquilo que me parece poder depreender-se da organização e reorganização semântica de *alagar*:

4. CONCLUSÕES

Primeira conclusão: **é muito difícil distinguir homonímia e polissemia**. Difícil e talvez irrelevante. Fica claro que *alagar*=«derrubar, destruir» e *alagar*=«inundar» podem ser historicamente consideradas palavras homónimas. No entanto, para a organização que o falante faz do seu léxico mental, tal facto é absolutamente irrelevante. O falante (e até o dicionarista...) descobre ou (como neste caso) inventa relações semânticas que permitam estruturar num mesmo modelo mental todos os significados que uma mesma forma fonética evoca. A diferença entre homonímia e polissemia era proposta num contexto teórico em que se pensava que a organização que fazemos do significado das palavras tem a ver com o armazenamento de um conjunto de traços necessários e suficientes que individualizam cada unidade lexical. No entanto, estruturando-se antes o significado das palavras por relações cognitivas entre os vários traços sémiicos componentes, se o falante considerar que determinadas vertentes significativas constituem apenas uma palavra polissémica, a noção de homonímia, para a língua funcional, deixa de fazer sentido, já que traduz um conceito inexistente. Como actualmente a Psicolinguística demonstra, quando no cérebro é activado um segmento fonético, são activados todos os significados que associamos a esse mesmo segmento. Nesse caso, para os mecanismos linguístico-cognitivos do falante, tanto se lhes dá que haja **uma** palavra polissémica ou **duas** homónimas: o processo linguístico de acesso e

descodificação é o mesmo.⁴ Por isso, é que consideramos preciosas as justificações que os falantes (e os dicionaristas) inventaram para meterem dentro do mesmo *alagar* duas realidades originalmente díspares.

Segunda conclusão: A forma como actualmente *alagar* é utilizado pelos falantes prova que **uma mesma palavra pode comportar diversidade de modelos mentais**⁵, repartidos pela comunidade falante ou mesmo utilizados pelo mesmo indivíduo. Na realidade, para *alagar* verificamos ainda hoje que

- para alguns falantes **apenas** possui o significado de «derrubar, destruir, desfazer»
- para outros (a maioria?) **apenas** o de «inundar» (prototipicamente com água)
- mas para outros, possui os dois sentidos. Para mim, por exemplo, *alagar-se* (mais do que *alagar*) conserva a acepção de «desmoronar-se», quando aplicado apenas a «casas», «muros» e «valados». Esta mesma acepção aparece em Camilo Castelo Branco:

A meio do caminho estava uma casa **alagada**, com uns lanços de muro ainda em pé. O velho avizinhou-se das ruínas. (*Amor de Salvação*, p.126, 5ª ed. – citado no Dicionário Caldas Aulete)

E o curioso, é que *alagar* não era (por mim) aplicado noutras combinatórias, como *telefone alagado* (=«avariado») ou *roupa alagada* (=«desfeita»). Isto parece querer dizer que no significado das palavras, para além do modelo mental que estrutura as várias vertentes sémicas, temos que incluir as possibilidades combinatórias e as restrições a que a mesma palavra obedece.

Terceira conclusão: **os modelos mentais nos quais se organiza o significado linguístico são modelos dinâmicos**, constantemente sujeitos a processos de rearranjo através dos nossos mecanismos cognitivos (ver esquema da Figura 2).

Assim, os referidos modelos mentais que estruturam o significado linguístico das palavras (*alagar*, neste caso) podem ser vistos como modelos que se organizam em várias vertentes significativas que interagem implicativamente através dos mesmos mecanismos que acreditamos actuarem no mundo (causas-efeitos-consequências).

Quarta conclusão (que decorre das anteriores): **O processo cognitivo de formação e de organização conceptual reflecte-se na formação e organização semântica da língua.**

⁴ A este propósito veja-se Altmann, Gerry T. M. (1999) *La ascensión de Babel – Una incursión en el lenguaje, la mente y el entendimiento*, Editorial Ariel, S. A. (Barcelona), sobretudo o capítulo 6 "Las palabras, y cómo las encontramos".

⁵ Tal como, por exemplo, acontece com *frente* (ou *trás*) que comporta vários modelos mentais (significados) que podem mesmo ser antitéticos: *Está muito lá à frente* e *Está muito lá atrás* podem referir a mesma situação através de modelos significativos diferentes. Sobre este assunto, ver Teixeira (2001)

Quinta e última conclusão: a visão demasiadamente normativa que os dicionários por vezes apresentam pode ser, a nível lexicológico, prejudicial para o falante não linguista, já que há a ideia que é apenas o dicionário que justifica a validade (e mesmo a existência!!!) das palavras de uma língua. Ora o que se viu foi que o dicionarista confunde muitas vezes **a língua** com **a sua variante linguística**. É por isso que há dicionários que –no sentido mais primitivo e original da palavra– precisam de ser ...alagados.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALTMANN, Gerry T. M. (1999), *La ascensión de Babel – Una incursión en el lenguaje, la mente y el entendimiento*, Editorial Ariel, S. A., Barcelona.

MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (em 5 volumes), Livros Horizonte, Lisboa.

MORAIS (da Silva),

TEIXEIRA, José (2001), *A Verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Centro de Estudos Humanísticos, (coleção Poliedro, nº4), Universidade do Minho Braga.